

EXTRA-CLASSE

Christa Berger: 'mais democracia na mídia'

No mês de novembro, durante a comemoração dos seus 18 anos, a SEDUFSM realizou um debate com a professora de jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Christa Berger. Em sua visita à sede da seção sindical, a docente concedeu uma entrevista ao *Jornal da SEDUFSM*, opinando sobre diversos temas relacionando “mídia e poder”. Acompanhe a seguir algumas das opiniões da professora:

Democratização da comunicação

Não chegamos ainda a um processo de democratização da comunicação. Eu acho que desde os anos 80, que foi o primeiro grande movimento, que é a Frente Nacional de Luta por Políticas Democráticas da Comunicação, que depois se transforma no Fórum FMDC, a sociedade civil e as organizações de comunicação da sociedade civil vêm se organizando nessa direção. Nós não tivemos no Brasil partidos políticos que bancassem esse processo, nem mesmo o PT, que é um partido que se esperaria que avançasse nessa discussão, porque é um dos setores em que os interesses econômicos falam muito alto. Então, eu acho que o Conselho de Comunicação levou 10 anos para ser instituído, e ainda assim não do modo como nós gostaríamos, ou imaginássemos que fosse feito. O problema da não democratização dos meios de comunicação diz respeito, ou se refere à concentração dos meios, dos veículos, em mãos de poucos. Nós temos informações de que elas nem sequer são precisas, porque a gente sabe que muitas dessas propriedades são em nomes de outros. Então, essa relação, economia, política e propriedade dos veículos dificulta, obstaculiza o processo de democratização.



Imprensa golpista?

A imprensa foi golpista na época do Golpe Militar. Como legítima representante da classe dominante, ela está sempre com o partido mais conservador, e evidentemente não é uma imprensa que, como grande imprensa e como conjunto, apóia setores populares, ou um partido que vá fazer qualquer tipo de obstáculo aos seus interesses. Então, acho que a gente viu e tem diversos exemplos e diversos estudos, como o do Venício Lima, mas também de outros tantos, que mostram o tipo de cobertura feita. E nós temos o exemplo clássico, hoje já nosso, sobre a manipulação do debate, Collor X Lula, a eleição do Brizola no Rio de Janeiro. Então, realmente são diversos exemplos que, posteriormente, são possíveis de serem analisados nessa direção de que a imprensa atua politicamente negando. Eu acho que a questão é complexa. É justamente isso: a imprensa se diz neutra, imparcial, fazendo a cobertura desse ponto de vista, quando na verdade ela atua politicamente. Dentro de uma compreensão da democratização da comunicação se pretende que os veículos informem que a sua opinião é favorável a tal partido, como nós temos exemplos de jornais franceses, outros europeus, em que a sua cobertura será uma cobertura da campanha, mas que tem uma posição a favor de tal partido. Se chegássemos a uma situação assim, já seria algo bem avançado para a nossa condição. Mas eu acho que o interessante é observar que apesar de tudo isto, e que aí pra mim vem um contraponto à afirmação dessa influência totalizante da mídia sobre a população brasileira, é que se a gente considerar que a grande imprensa foi contra a eleição primeira do Lula e a reeleição, e ainda assim ele ganhou.



Comunicação no RS

Nosso problema, no Rio Grande do Sul, também é a concentração dos meios de comunicação, especificamente com a RBS. Seria importante termos mais veículos, mais grupos, de ter realmente uma possibilidade de ouvir diferentes perspectivas. Então, acho que, do ponto de vista tanto do mundo do trabalho, quanto da cobertura, quanto da informação, ela perde muito quando há essa concentração. A concentração da mídia com a RBS propicia uma cobertura muito hegemônica e homogênea, porque aí são sempre as mesmas fontes que são ouvidas, é o mesmo ponto de vista. E no livro que eu trabalhei: “Campos em confronto: a terra e o texto” é uma análise da cobertura jornalística em relação ao Movimento Sem-Terra. Ela é feita sob o ponto de vista da propriedade privada. Não há sensibilidade, não há lugar para outra voz que não a voz do proprietário. Então, o 'outro', este colono sem-terra, assim como historicamente os negros, os pobres, os excluídos, eles ocupam um lugar na imprensa - é o lugar da polícia - é o lugar daqueles que não são bem-vindos nessa sociedade. Então “a terra e o texto” nesse sentido, corresponde também a um lugar de propriedade da terra.

Saídas contra a manipulação

Eu acho que as novas tecnologias estão nos oferecendo muitas esperanças e exemplos. Mas ainda existem problemas, como o da credibilidade da própria internet. Mas, sem dúvida, hoje nós temos, ao mesmo tempo em que um fato é contado de forma manipulada, nós temos via internet o contraponto disso. Eu até trago um exemplo que eu gostei bastante, da matéria na Veja sobre Che Guevara, e aí o jornalista da Veja escreve para o grande biógrafo de Che (Jon Lee Anderson), eles trocam e-mails, aí depois nada disso é publicado. Mas, no mesmo momento em que a gente tava lendo a matéria, estava saindo a resposta do jornalista.

Internet e imprensa alternativa

Então, as novas tecnologias, e a Internet estão propiciando alternativas à concentração midiática e à manipulação. Por outro lado, eu acho que a imprensa sindical, a imprensa de outras associações, têm sido boa, têm cumprido esse papel de contra-informação que historicamente nós conhecemos. Portanto, eu acho que nossa luta é dupla: pela democratização na grande imprensa, e ela é basicamente um problema de concentração dos meios, e, que na cobertura, não sejam sempre as mesmas fontes ouvidas e, por outro lado, que a gente tenha mais espaços de outros veículos. E esses outros veículos provavelmente estão ligados às associações, sindicatos, instituições que antes chamávamos de imprensa alternativa.